

JASON GOODWIN

A SERPENTE DE PEDRA

Tradução de José Vieira de Lima

O som dilatava-se à medida que os muezins, um após outro, retomavam o grito, tecendo entre os minaretes da cidade uma melopeia bruxuleante que expressava de mil e uma maneiras a debilidade do homem e a unicidade de Deus.

Depois do pontapé, a faca já não servia para nada.

O apelo à oração durava cerca de dois minutos e meio, mas, para Georgios, durou menos tempo. O homem do rosto triste inclinou-se e tirou-lhe a faca. A lâmina era muito afiada, mas a ponta estava romba. Não era uma faca de combate. O homem do rosto triste atirou-a para as sombras.

Quando os homens desapareceram, um cão de pelagem amarela saiu num jeito cauteloso da entrada de um prédio que ficava ali perto. Um segundo cão rastejou furtivamente, a barriga roçando o chão, e agachou-se perto, e logo rompeu num gemido expectante. O primeiro cão emitiu uma rosnadela grave e mostrou-lhe os dentes.

2



Maximilien Lefèvre debruçou-se sobre a amurada e apagou o charuto na espuma das águas que revolteavam em torno do casco do navio. A ponta do serralho começava já a desenhar-se a bom-bordo, com as suas árvores formando uma massa ainda escura à primeira luz da manhã. Quando o barco contornou a ponta, revelando a Torre de Gálata nos cumes de Pera, Lefèvre tirou um lenço da manga para limpar as mãos; o ar salgado deixara-lhe a pele pegajosa.

Ergueu os olhos para os muros do palácio do sultão, ao mesmo tempo que afofava a nuca com o lenço. Havia uma coluna muito antiga no quarto pátio do serralho, uma coluna encimada por um capitel coríntio, que por vezes era visível do mar, entre as árvores. Era a última relíquia que restava de uma acrópole que aí existira muitos séculos antes, quando Bizâncio mais não era do que uma colónia grega, antes de se tornar numa segunda Roma, antes de se tornar no umbigo do mundo. A maior parte das pessoas não sabia que a coluna ainda existia; por vezes, era possível vê-la, outras vezes, não.

O navio avançou, balouçando sobre as águas do Bósforo, e, de súbito, Lefèvre não resistiu a um gemido de satisfação.

A pouco e pouco, a margem do Corno de Ouro do lado de Stamboul começou a aparecer, uma procissão de cúpulas e minaretes que, um após outro, avançavam como uma vaga para logo se retirarem discretamente. Sob as cúpulas, descendo numa espécie de cascata até ao bulício do porto, estendiam-se os telhados de Istambul, brilhando vermelhos e cor de laranja ao sabor dos primeiros raios do sol. Era sempre o panorama preferido dos visitantes: Constantinopla, Istambul, cidade dos patriarcas e dos sultões, o buliçoso caleidoscópio do magnífico Oriente, a face orgulhosa de quinze séculos de História.

A decepção surgiria mais tarde.

Lefèvre encolheu os ombros, acendeu outro charuto, e centrou a sua atenção no convés. Quatro marinheiros com os pés descalços e camisolas imundas curvavam-se sobre a corrente da âncora, aguardando as ordens do comandante. Outros recolhiam as velas nas alturas dos mastros. O timoneiro fez entrar o navio no porto, na direcção da margem e da contracorrente que deveria levá-los a deter-se. Quando o comandante ergueu a mão, a corrente da âncora desprendeuse com um barulho de canhão, a âncora desceu e encontrou o leito, e o navio, depois de se erguer, vergou-se ao peso da âncora e, lentamente, aquietou-se.

Fizeram descer uma pequena embarcação; Lefèvre esperou que descessem o seu baú para se instalar no barco.

No desembarcadouro de Pera, um jovem marinheiro grego saltou para terra com um pau para afastar a multidão de angariadores de clientes. Com a outra mão, solicitou uma gorjeta.

Lefèvre pôs uma moeda pequena na mão do rapaz, que respondeu à oferta cuspidamente afrontosamente para o chão.

– Dinheiro da cidade – atirou-lhe o marinheiro com desprezo. – Dinheiro da cidade muito mau, Excelência – acrescentou, mantendo a mão estendida.

Lefèvre deu-lhe uma piscadela de olho. – Piastras de Malta – foi o que ele retorquiu calmamente.

– Oh! – O grego semicerrou os olhos para examinar melhor a moeda e o seu rosto logo se iluminou de alegria. – Muito, muito

bom...! – Redobrou os seus esforços para afastar os angariadores de clientes. – Serem ladrões, senhor. Querer que eu arranjar carregador para o senhor. E hotel? Muito limpo, Excelência.

– Não, obrigado – ripostou Lefèvre.

– Aqui homens maus. O senhor primeira vez estar na cidade, Excelência?

– Não. – Lefèvre abanou a cabeça como que para acentuar o que acabava de dizer.

Os homens que estavam no desembarcadouro calaram-se. Alguns começaram mesmo a afastar-se. Um homem avançava na direcção de Lefèvre ao longo das pranchas. Calçava umas babuchas verdes. Tinha uma constituição física média, cabelos tão brancos como a neve e uns olhos de um azul penetrante. Vestia umas calças azuis largas e uma camisa aberta de algodão vermelho já desbotado.

– Doutor Lefèvre? Siga-me, por favor. – Por cima do ombro, acrescentou: – Trataremos do seu baú, não se preocupe.

Lefèvre encolheu os ombros. – *À la prochaine*¹ – disse ele para o marinheiro.

– *Adio, m'sieur*² – retorquiu num jeito lento o marinheiro grego.

3



Nessa mesma manhã, no bairro de Fanar, em Istambul, Yashim foi despertado por uma tépida faixa de sol primaveril. Depois de se ter sentado, ainda cheio de sono, passou os dedos pelos caracóis do seu cabelo. Passados alguns instantes, afastou a sua manta do Khorasan, deslizou para fora do divã e calçou maquinalmente um par de babuchas de cabedal cinzentas. Vestiu-se rapidamente, desceu as escadas, passou a baixa porta bizantina da casa da viúva e logo se fez à rua. Um quantas voltas levaram-no ao seu café preferido na Kara

¹ Em francês, no original: «Até à próxima». (N. do T.)

² Numa mistura de italiano e francês: «Adeus, senhor». (N. do T.)

Davut, onde o homem que estava ao fogão o saudou com um aceno da cabeça antes de pôr um pequeno tacho de cobre ao lume.

Yashim instalou-se no divã que dava para a rua, junto às janelas. Escondeu os pés sob a sua túnica e, com esse gesto, tornou-se de algum modo invisível.

Yashim continuava a vestir-se assim. Havia vários anos que o sultão encorajava os seus súbditos a vestirem-se à maneira ocidental; porém, os seus apelos só em parte tinham resultado. Muitos homens tinham trocado o turbante pelo fez escarlate, e as túnicas largas pelas calças e pela *stambouline*, um casaco de aspecto muito curioso, com colarinho alto e com uma cauda que parecia ser parente da do fraque ocidental, mas eram raros aqueles que calçavam botas com atacadores como os europeus. No divã, alguns dos vizinhos de Yashim, com os pés nus, faziam lembrar baratas; o vestuário fazia ressaltar os cotovelos e os joelhos; os joelhos, então, ganhavam um aspecto francamente pontiagudo. Com a sua capa comprida, de um tom algures entre o castanho e um vermelho carregado, e a sua túnica cor de açafão, Yashim poderia confundir-se com uma dobra do tapete que cobria o divã; apenas o seu turbante era branco – e de uma brancura ofuscante.

Porém, a invisibilidade era também uma qualidade naquele homem – se é que homem era a palavra adequada para o qualificar. Havia nele uma espécie de tranquilidade profunda – uma imperturbabilidade nos seus olhos cinzentos, uma suave fluidez nos seus movimentos, ou uma naturalidade nos seus gestos – que parecia desviar as atenções em vez de as atrair. As pessoas viam-no – mas não se poderia dizer que reparassem bem nele; e era esta ausência de asperezas ou de notas gritantes, esta singular recusa de toda a sorte de desafios ou ameaças, que compunham a essência do seu talento e o tornavam, mesmo na Istambul do século XIX, numa criatura única.

Yashim não desafiava os homens que com ele se cruzavam; nem tão-pouco as mulheres. Com o seu rosto amável, os seus olhos cinzentos, os seus caracóis escuros escassamente retocados, Yashim, aos quarenta anos, aprendera, graças à sabedoria que o tempo lhe proporcionara, a ser basicamente alguém que escutava; alguém que interrogava serenamente; e não um homem por inteiro. Yashim era um eunuco.

Bebeu o café apoiando-se num cotovelo e, depois de ter comido um *çörek*³, limpou as migalhas que lhe tinham ficado no bigode.

Como decidira não fumar cachimbo enquanto bebia o café, deixou uma piastra de prata na bandeja e logo saiu, começando a descer a rua que conduzia ao Grande Bazar.

Na esquina, virou-se e olhou para trás, mesmo a tempo de ver o dono do café a pegar na moeda e a mordê-la. Yashim suspirou. O dinheiro falso era como um veneno nas entranhas de uma pessoa, um flagelo de que Istambul nunca conseguia livrar-se. Sopesou a bolsa e ouviu o farfalhar seco da sua fortuna sussurrando entre as pontas dos dedos: aquela era uma época em que a moeda parecia derreter-se como açúcar numa mão suada. Contudo, ao invés do dinheiro, o açúcar era sempre doce. O sultão estava a morrer e havia no ar uma certa amargura.

Na rua dos livreiros, Yashim deteve-se diante de uma pequena loja que pertencia a Goulandrís, um homem que se dedicava ao comércio de livros antigos e curiosidades de outras eras; por vezes, tinha aqueles romances franceses a que Yashim dificilmente conseguia resistir.

Goulandrís fixou o visitante com o seu único olho intacto e rillhou os dentes. Goulandrís não era um daqueles gregos típicos, demasiado atrevidos e importunos; o seu trabalho de livreiro consistia em observar, não em falar. As cataratas tinham deixado um véu implacável num dos seus olhos; o outro, porém, fazia o trabalho dos dois, registando o modo como o cliente se movimentava na loja, a rapidez com que escolhia determinado livro, a expressão no seu rosto quando o abria e começava a ler. Livros antigos, livros novos, livros gregos, livros turcos – alguns dos quais preciosas raridades –, livros escritos em arménio ou em hebreu, e mesmo, de quando em quando, em francês: Dmitri Goulandrís armazenava-os a esmo quando e à medida que lhe chegavam. Os livros em si mesmos não lhe interessavam. Contudo, fixar o preço de um livro – essa era uma outra história, completamente diferente. E era assim que, com o seu único olho intacto, Goulandrís examinava atentamente mesmo os mais ténues sinais.

³ Para todos os termos gastronómicos nesta obra, consultar o glossário na página 315. (N. do E.)

No entanto, o eunuco... esse era bom. Muito bom. Goulandris achava-o um cavalheiro com um belo aspecto físico, acabado de entrar na meia-idade, com um cabelo escuro escassamente grisalho oculto sob um pequeno turbante, e que tinha o costume de usar uma capa leve de cor indeterminada. Goulandris estava convicto de que era capaz de descobrir todos os estratagemas a que os clientes recorriam para o enganarem – a indiferença fingida, um livro que juntavam a outros sem lhe darem grande importância, o impulso sabiamente calculado para dar uma ideia de absoluta negligência. Prestava toda a atenção ao que eles diziam. Perscrutava o movimento das suas mãos. Entre todos os seus clientes, apenas o maldito eunuco continuava a ser para ele um enigma.

– Procura algum livro em particular?

Yashim ergueu os olhos da página que estava a ler e mirou à sua volta. Por um momento, sentiu-se confuso; tinha partido para muito longe com Benjamin Constant, um escritor francês cujo único e curto romance punha a nu os infortúnios dos amores não consumados. Focando o olhar, Yashim deu por si naquele cubículo, já tão familiar para si, do Grande Bazar, com as paredes cheias de livros desde o chão até ao tecto, o candeeiro com a sua luz ténue e o próprio Goulandris, o livreiro, com um fez cinzento sujo, sentado com as pernas cruzadas no seu banco atrás de uma secretária de estilo francês. Yashim sorriu. Não ia comprar aquele livro – *Adolphe*. Depois de o ter fechado com dedos delicados, devolveu-o ao seu lugar na estante.

Yashim fez uma vénia, levando a mão ao peito. Gostava daquele sítio, daquela pequena gruta de livros: nunca se sabia o que lá se ia encontrar. Goulandris, suspeitava, também não fazia a menor ideia: Yashim duvidava de que ele conseguisse fazer algo mais do que ler e escrever em grego. E, naquele preciso dia, no meio daquela desordem de manuais ocidentais sobre balística, dos velhos rolos de pergaminho imperiais arvorando a bela *tugra*⁴ caligráfica de um sultão, dos impenetráveis libelos religiosos gregos, da selecção de romances

⁴ *Tugra* ou *tughra* era a assinatura de um sultão otomano que tinha forçosamente de constar de todos os documentos e correspondência oficiais. Surgia também no seu selo e nas moedas cunhadas durante o seu reinado. (*N. do T.*)

franceses de que Yashim tanto gostava – no meio disso tudo, por muito bizarro que pudesse parecer, havia um pequeno tesouro que atraiu a sua atenção. Não se encontrava lá no mês anterior. E podia já lá não estar no mês seguinte.

Com um meio sorriso para si mesmo, Yashim tirou o livro em causa; depois, com todo o cuidado, ergueu o braço e pegou de novo no *Adolphe* de Benjamin Constant. Hesitou um pouco relativamente à sua terceira escolha. Escolheu ao acaso uma coisa francesa, sabendo perfeitamente que o olhar de Goulandris se fixara firmemente nos seus movimentos. De uma forma demasiado negligente, pô-lo debaixo dos outros e colocou a pilha de livros sobre a secretária.

Goulandris franziu os lábios quase ao ponto de não se verem. Não se preparou para regatear, nem tão-pouco para discutir. Sugeriu preços. Yashim teve dificuldade em reprimir uma ligeira decepção quando Goulandris anunciou solenemente para o terceiro livro uma quantia um pouco acima dos seus meios. Limitado a apenas dois livros, estendeu a mão e pegou no *Adolphe*. O livreiro fitou com um ar desconfiado o livro que Yashim tinha na mão e depois o livro que ele deixara na secretária.

Este livro era maior. Tinha mais palavras. Mas o livro pequeno era o que estava na mão do eunuco...

– Doze piastras – rosnou Goulandris, colocando um dedo pequeno e gordo na obra que tinha à sua frente em cima da secretária.

Yashim pesquisou na sua bolsa. Devolveu *Adolphe* à estante, e, com um aceno de cabeça para o velho do fez imundo, saiu para a rua dos livreiros, apertando contra o peito o volume I de *L'Art de la cuisine française au XIX siècle* de Carême.

Chegado ao sopé da colina, virou na direcção do mercado.

Yashim viu o peixeiro que, com um ar impassível, olhava para a balança enquanto pesava um robalo para uma velha matriarca. Dois homens regateavam o preço de um molho de cenouras. O falso dinheiro alimentava a desconfiança, pensou Yashim. E, depois, sorriu uma vez mais, pensando em Georgios na sua tenda de legumes. Georgios tinha sempre boas ideias para o jantar. Georgios não era dado a desconfianças. Georgios era um velho grego teimoso que nem um burro e que se limitaria a resmungar que o dinheiro, fosse como fosse, seria sempre merda.

Olhou em frente. Georgios não estava na sua tenda.

– Ele não vir mais, efêndi – explicou-lhe um merceeiro arménio.

– Ouvir dizer que ter um acidente ou qualquer coisa assim.

– Um acidente? – Yashim recordou as mãos possantes do vendedor de legumes.

O merceeiro virou a cara e cuspiu para o chão. – Eles virem ontem, dizerem que Georgios não vir mais. Eles dizerem que um dos irmãos Constantidinis ir ocupar o seu lugar.

Yashim franziu o sobrolho. Os irmãos Constantidinis tinham ambos o mesmo bigode fino e andavam sempre numa agitação por detrás das suas pilhas de legumes – mais pareciam uns bailarinos... Yashim permanecera sempre fiel a Georgios.

– Efêndi! Que podemos fazer por si hoje? – Um dos irmãos curvou-se e começou a arranjar uma pilha de beringelas com rápidos e ágeis movimentos dos pulsos. – *Fasulye* hoje ao preço do ano passado! Só hoje!

Yashim começou a reunir os seus ingredientes. Constantidinis pesou duas *oka*⁵ de batatas e lançou-as para dentro do saco de Yashim, após o que, com um gesto elegante e elaborado, substituiu a concha que usara para pesar as batatas.

– Quatro piastras, vinte... vinte... vinte... oitenta e cinco as batatas... cinco-zero-cinco... mais alguma coisa, efêndi?

– O que é que aconteceu a Georgios?

– Os feijões hoje... ao preço de ontem!

– Diz-se que vocês vão ocupar o lugar dele aqui no mercado.

– Cinco-zero-cinco, efêndi.

– Uma *oka* de curgetes, se faz favor.

O homem juntou as curgetes na concha que usava para pesar os legumes.

– Ouvi dizer que ele teve um acidente. O que é que aconteceu realmente?

– As curgetes. – Constantidinis preparava-se para deitar as curgetes no cesto de Yashim quando este agarrou na concha e, com um gesto sereno, a ergueu.

⁵ Medida de peso otomana que equivalia a 1, 282 quilogramas. (*N. do T.*)

– Eu sou amigo dele. Se ele teve um acidente, talvez possa ajudá-lo de algum modo.

Constantidinis franziu os lábios com um ar pensativo.

– Posso perguntar ao *kadi* – disse Yashim e largou a concha. O *kadi* era o superintendente do mercado. Uma chuva de curgetes caiu no cesto. – Fique com o troco.

O homem hesitou, mas logo pegou nas duas moedas sem olhar para elas e meteu-as na bolsa que trazia à cintura.

– Cinco minutos – disse ele baixinho.

4



Yashim mexeu o café e aguardou que as borras repousassem no fundo. Constantidinis inclinou a chávena contra os lábios. – Todos nós tivemos uma possibilidade de escolha. Ninguém quer que as coisas degenerem, está a perceber?

– Sim, estou. E Georgios, como está? Bem?

– Talvez. Eu não faço perguntas.

– Mas vai ocupar o seu lugar.

– Ouça. Isto foi entre eles e Georgios. Não nos metam no caso, que nós não temos nada a ver com isto. Eu estou a falar consigo só porque é amigo dele.

– Mas afinal quem são eles?

O homem afastou a chávena de café e levantou-se.

– Um bocadinho de tudo, tão simples como isso. – Baixou-se para apanhar qualquer coisa do chão e Yashim ouviu-o murmurar: – A Hetira. Eu, se fosse a si, não me metia nisso.

E logo voltou para a sua tenda, deixando Yashim de olhos fixos nas borras espessas e brilhantes no fundo da chávena e a perguntar-se onde é que já tinha ouvido aquele nome.